

ANO 43-1, 2009

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



revista portuguesa de
pedagogia

Vivências e percepções do estágio curricular em Educação de Adultos: A perspectiva dos alunos

Albertina Lima Oliveira, Cristina Maria Coimbra Vieira, Joaquim Luís Me-deiros Alcoforado, Joaquim Armando Ferreira & António Simões¹

O presente estudo teve como objectivo investigar as vivências e percepções dos estagiários de Educação de Adultos, ao longo de um ano curricular, relativamente aos sentimentos dominantes, às fontes de apoio, às dificuldades/obstáculos enfrentados, bem como aos recursos pessoais e externos por si percebidos. Adicionalmente, pretendeu-se determinar se o ano de estágio contribui para aumentar a capacidade para a autodirecção da aprendizagem. Para o efeito, utilizou-se um plano de investigação em que se combinaram metodologias qualitativas e quantitativas, recorrendo-se a uma amostra de 19 alunos da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade e Coimbra. A nível dos principais resultados obtidos, identificou-se uma sucessão de três fases relativamente distintas durante o estágio, as quais se revelaram associadas a sentimentos, dificuldades e recursos específicos. No que respeita à segunda questão em estudo, embora se tenha verificado uma tendência para o aumento da autodirecção na aprendizagem, os resultados alcançados revelaram-se inconclusivos.

O estágio curricular do curso de Ciências da Educação, situado no quinto e último ano da licenciatura pré-Bolonha e no actual segundo ano do Mestrado de Ciências da Educação, adequado a Bolonha, constitui um processo formativo de características e desafios únicos e peculiares para todos os estagiários, quando comparado aos restantes anos escolares do curso. Tal peculiaridade advém de ser um ano especialmente orientado para o contacto directo com a prática, requerendo do estagiário o desempenho de um papel muito aproximado ao de um profissional das Ciências da Educação, ou seja, espera-se que os seus conhecimentos teóricos e capacidades de actuação não só venham a desenvolver-se e a aperfeiçoar-se, como também se deseja que representem um contributo positivo para a instituição onde decorre o estágio. Não será, pois, difícil descortinar que, para alcançar o objectivo geral de promover “o contacto directo com a realidade educativa [no domínio da Educação

¹ Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra.

de Adultos], com vista à aplicação de conhecimentos, desenvolvimento de competências e resolução de problemas do dia-a-dia da formação” (Conselho Pedagógico, 2005, p. 216), o ano de estágio esteja repleto de desafios exigentes, reflectidos na complexidade das situações-problema encontradas, na mudança profunda no papel do estudante, que passará a ser, essencialmente, pró-activo e orientado para a resolução de problemas do quotidiano da formação, ou, ainda, espelhado na enorme assunção de responsabilidade inerente a todo o processo.

A natureza e a magnitude dos desafios colocados aos alunos, solicitando melhores competências intelectuais, emocionais, sociais, técnicas, etc., tornam o ano de estágio especialmente exigente e conferem-lhe um carácter singular, no contexto dos outros anos do curso, que é necessário conhecer e compreender profundamente, em particular, do ponto de vista das suas vivências, de modo a que a acção dos orientadores (da Faculdade e das instituições de acolhimento) possa fundamentar-se em dados empíricos sistematicamente recolhidos, acerca das experiências vivenciadas pelos estagiários durante o processo formativo. Constituindo o início de uma transição importante na vida do jovem universitário — preparar a entrada para o mercado de trabalho e alcançar um maior nível de autonomia (Ferreira & Ferreira, 2001; Ferreira, 2002; Merriam & Caffarella, 2007) — o ano de estágio tende a ser vivenciado como uma experiência carregada de intensas emoções. Muitas delas podem ser fortemente stressantes, devido ao elevado ritmo de trabalho e exigência de adaptação a novas circunstâncias, ao facto do aluno perceber que os seus conhecimentos e competências estão a ser postos à prova, ao sentir a pressão de ter que ir ao encontro de expectativas que em si são depositadas, ao deparar-se com uma enorme quantidade de informação que rapidamente precisa de ser analisada e interpretada — estes são alguns dos vários factores que poderiam ser referidos para caracterizar as situações de desafio encontradas pelo estagiário (Caíres, 1998; Branquinho, 2004). Assim, como todos os períodos de transições significativas na vida das pessoas, o ano de estágio é um tempo de surpresas e entusiasmo, mas também de tensões, angústias, inseguranças e medos.

Se os factores anteriormente apontados justificam, só por si, a necessidade de investigar este período especial, no âmbito das mudanças decorrentes do Processo de Bolonha, o interesse em o conhecer reveste-se de um relevo ainda maior, pois, como se sabe, Bolonha remete para um paradigma de organização do ensino centrado no aluno, valorizador das especificidades e das características dos educandos, bem como da dimensão processual da formação, ao preconizar a mudança de um modelo passivo, baseado na aquisição de conhecimentos, para um modelo baseado no desenvolvimento de competências (Santos, 2002; Oliveira, 2005a, 2007; Correia e Mesquita, 2006; DL nº 74/2006; Chaves, 2007).